



# A comunicação na Liturgia: desafios pastorais e eclesiais para comunicar o mistério

The communication in the Liturgy: pastoral and ecclesial challenges to communicate the mystery

*Helena Corazza\**

ITESP-SEPAC

Recebido em: 27/05/2023. Aceito em: 31/05/2023.

**Resumo:** *Este artigo aborda a comunicação aplicada à Liturgia, procurando conceituar o sentido amplo da comunicação, transmissões pela mídia, midiatização e a crescente capilarização da presença da Igreja nas mídias sociais digitais, sobretudo com transmissões de missas; trabalha a dimensão antropológica, apontando aspectos como a pessoa que comunica, o espaço litúrgico, a proclamação da Palavra; a necessidade da formação continuada para a comunicação a todas as lideranças, de quem preside às equipes de celebração, de transmissão e ministérios. Resgata estudos e encontros realizados por parte da CNBB sobre missas de rádio e televisão com orientações de recentes documentos sobre o tema, bem como desafios e pontos a serem aprofundados no contexto atual.*

**Palavras-chave:** *Liturgia; comunicação; mídia; formação.*

**Abstract:** *This article deals with communication applied to the liturgy, seeking to conceptualize the wide meaning of communication, media broadcasts, mediatization and the growing capillarization of the Church's presence in digital social media,*

\* Doutora na Escola de Comunicação e Artes (Universidade de São Paulo, USP-SP, 2015). Mestra em Ciências da Comunicação (Universidade de São Paulo, USP-SP, 1999). Graduada em Comunicação Social (Faculdade de Comunicação e Turismo Helio Alonso, 1990). Licenciada em Letras (Centro Universitário Unipaulistana, 1978). Coordenadora de Cursos do SEPAC (Serviço à Pastoral da Comunicação). Docente e coordenadora do Curso de Especialização Comunicação, Teologia e Cultura: teórico-prático, do ITESP/SEPAC. Pesquisadora na área de Comunicação e Educação, Rádio, Mídias Sociais, atuando na docência e na formação de lideranças comunitárias, na área da Pastoral da comunicação, comunicação nas pastorais e Educomunicação. Faz parte do Grupo de Pesquisa Mediações Educomunicativas (MECOM) da ECA-USP/CNPq.

E-mail: [helena.corazza@paulinas.com.br](mailto:helena.corazza@paulinas.com.br).





*especially with Mass transmissions. It works on the anthropological dimension, pointing out aspects such as the person who communicates, the liturgical space, the proclamation of the Word; the necessity of continued formation in communication for all leaders, from those in charge the celebration and transmission teams and ministries. It recovers studies and meetings organized by CNBB about radio and television masses with guidelines to recent documents on the subject, as well as challenges and points to be further explored in the current context.*

**Keywords:** *Liturgy; communication; media; formation.*

## Introdução

O tema da Comunicação na Liturgia é amplo, profundo, complexo, uma vez que envolve o diálogo da ciência da comunicação com a teologia, tendo em conta as orientações litúrgicas e a prática eclesial. Talvez a comunicação na liturgia tenha sido considerada, por vezes, à margem, uma vez que a centralidade está na celebração do mistério, pois “a Liturgia é o cume e a fonte da vida da Igreja” (SC, 10). Entretanto, este mistério é celebrado no espaço sagrado, por pessoas que se tornam instrumentos para o encontro com Deus.

O objetivo deste artigo é trabalhar o tema da comunicação nas celebrações litúrgicas, numa abordagem pastoral, considerando a dimensão da comunicação presencial e mediada por tecnologias<sup>1</sup>, um novo modo de presença e de participação, e apontar alguns desafios e perspectivas para comunicar o mistério. Mesmo tendo em conta que o protagonista é o Espírito Santo, “que o humano é orientado e subordinado ao divino, o visível ao invisível, à ação à contemplação” (SC 2), no que diz respeito à comunicação, o que desafia é o *modo de comunicar* nas celebrações litúrgicas. Por isso, para comunicar-se é preciso levar em conta uma série de elementos em relação à Liturgia e à comunicação, pois a ação litúrgica torna-se mais ou menos inteligível e vivenciada dependendo de como se dá a comunicação. O aspecto comunicacional marca a celebração e torna-a mais ou menos envolvente e participativa, também pela tendo em conta a postura e vivência de quem a preside, bem como da equipe de celebração e ministérios.

A Liturgia é uma ação simbólica e nela vive-se, no tempo e no espaço, o mistério da vida, morte e ressurreição de Jesus. A linguagem

<sup>1</sup> Adotamos a terminologia comunicação mediada por tecnologias, evitando a visão funcionalista de que a tecnologia “serve para” ou tecnicista, pois comunicação é processo que envolve relacionamento entre pessoas que se vinculam.



simbólica ajuda a recordar o mistério com sinais sensíveis como a pessoa, a assembleia, a Palavra, os elementos como água, pão, vinho, óleo, fogo, cinzas, luz, objetos, os movimentos, a arte, as cores de acordo com os tempos litúrgicos<sup>2</sup>.

Ao longo da história, o espaço sagrado foi expresso pela arte e por sinais como as torres das igrejas, a cruz, o sino, o campanário, os tipos de toques. As igrejas, sobretudo as mais antigas, trabalharam seus vitrais, pinturas, esculturas para contar a história da salvação, tendo em vista a catequese. A via-sacra é um drama, uma dramatização que traz vivo o sofrimento de Jesus. O teatro foi um recurso utilizado para a catequese, no Brasil, desde o tempo de Anchieta. O “púlpito” nas igrejas mais antigas, um lugar mais alto, de destaque, foi um sinal de pregação da Palavra de Deus. As romarias, procissões, cantos são formas de comunicação da Igreja peregrina em suas manifestações de fé e vida. E o papa Francisco procura reavivar a admiração pela beleza da celebração cristã, recordando e fazendo reconhecer “a importância de uma arte na celebração a serviço da verdade do mistério pascal e da participação de todos os batizados”<sup>3</sup>.

O desafio da comunicação se apresenta não só para as celebrações presenciais, mas, sobretudo, transmitidas pelas tecnologias, no contexto contemporâneo, capilarizadas pelo fácil acesso e pela necessidade de a Igreja se fazer presente onde quer as pessoas estejam, o que foi acentuado durante a pandemia do Covid-19. Tanto quanto as presenciais, as celebrações mediadas por tecnologias precisam ter em conta as orientações próprias da Liturgia, pois, “Liturgia é comunicação” (Puebla 1086), Daí a importância e o cuidado com a comunicação em todos os momentos das celebrações litúrgicas. Um desafio é “celebrar o mistério”, tornando-o inteligível e vivencial, o que compreende o rito e a linguagem comunicacional. Este artigo pretende contribuir no aspecto comunicacional da Liturgia, resgatando um caminho de reflexão e busca de como a vivência da fé, sobretudo quando mediada pelas tecnologias do rádio, da televisão, atualmente, com o predomínio de plataformas digitais.

<sup>2</sup> Cf. ALDAZÁLBAL, José. *Vocabulário básico de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 358-360.

<sup>3</sup> FRANCISCO. *Carta Apostólica Desiderio Desideravi, sobre a formação litúrgica do povo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2022. p. 57.



## 1 Comunicação e Liturgia

A comunicação é processo relacional que envolve sujeitos, atores, diálogo e participação. Pode-se evidenciar três modelos básicos de comunicação: o dialógico-presencial, a comunicação face a face, quando as pessoas se encontram de forma presencial, em princípio há a possibilidade do diálogo; a comunicação de massa, assim denominada pela reprodução em série com a indústria, também chamada de “Indústria Cultural”, conceito cunhado por Adorno e Horkheimer (1944), no qual a comunicação acontece de um para muitos e, em princípio, não há possibilidade de diálogo. O terceiro modelo, dialógico não presencial, é o que se serve da internet, das redes sociais e, mesmo sendo mediado por tecnologias, há a possibilidade da interação e do diálogo.

Entretanto, na compreensão da comunicação há a tendência de reduzi-la às tecnologias, na dimensão funcionalista, em função do uso. Mas a comunicação envolve a dimensão antropológica, sociológica, cultural, política, tendo em conta o processo nas diversas dimensões da vida em sociedade, das relações humanas e processos de construção da realidade.

Com frequência os termos comunicação pela mídia, mídiatização, são usados como sinônimos. Entretanto, mídiatização é um termo em estudo e designa um novo modo de ser e viver em sociedade, que para Faxina e Gomes “Surge uma nova forma comunicacional. É o bios do virtual. Entendemos que, mais do que uma tecnointeração, está surgindo um novo modo de ser no mundo, engendrado pela mídiatização da sociedade”<sup>4</sup>. Esse novo modo de ser e viver acontece com a exposição midiática de determinados assuntos e personagens, que vai modificando o modo de produção a ser apresentado para a mídia. Muitos eventos são produzidos para serem transmitidos pelas mídias, como por exemplo, um evento presencial pode ser modificado e até perder sua originalidade e participação popular, quando modificado pelas exigências de transmissão pela mídia. Portanto, “quando os eventos passam a se organizar segundo o olhar midiático, houve, então, uma mídiatização”<sup>5</sup>.

<sup>4</sup> FAXINA, Elson; GOMES, Pedro Gilberto. *Mídiatização: Um novo modo de ser e viver na sociedade*. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 19.

<sup>5</sup> PUNTEL, Joana T. *Comunicação: Diálogo dos saberes na cultura midiática*. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 149.



## 1.1 Cenário da comunicação e da Liturgia

Algumas características diferenciam a cultura litúrgica da cultura da mídia, entendendo cultura como modo de vida, valores que um grupo adota como sua identidade, símbolos, práticas, modo de vestir, atitudes como base na convivência e experiência como membro de uma sociedade. A cultura litúrgica, desde os primórdios, adotou a comunicação face a face, de forma presencial nas comunidades, tendo espaço e tempo e, nesta fase da cultura oral, a pregação vem do púlpito, marcado pela arquitetura das Igrejas por longos séculos. O Apóstolo São Paulo, por exemplo, adotou as cartas para se comunicar com as comunidades, enviando-as por mensageiros, como se observa no seu primeiro escrito: “Paulo, Silvano e Timóteo à Igreja de Tessalônica, em Deus Pai, e no Senhor Jesus Cristo. A vós graça e paz (1Ts e, 1). Entretanto, as celebrações continuavam presenciais.

Com a chegada, sobretudo do rádio e da televisão, surgem novos modos de estar juntos, quando a pregação vai se inserindo nos estúdios ou com transmissões das próprias igrejas ou de outros ambientes. A partir das possibilidades da comunicação mediada por tecnologias, as inovações vão sendo adotadas, também no campo religioso, iniciando transmissões de missas<sup>6</sup>.

Com a internet e as redes sociais, chega a cultura digital em que a comunicação é realizada de muitos para muitos, *peer to peer*, e permite o diálogo não presencial, a participação em tempo real em comunicações mediadas pelas tecnologias. Também os estúdios de rádio e televisão digitalizam sua comunicação e a internet se torna uma vitrine, quando a comunicação, estando na rede digital é planetária, podendo ser sintonizada no momento de disponibilidade do interlocutor, uma vez que traz a possibilidade existir com alterações de tempo e espaço, podendo ser vista, assistida no tempo do interlocutor, não necessariamente, ao vivo, em tempo real. Com as redes sociais a comunicação torna-se uma ambiência, um espaço de convivência aberto.

Note-se que no espaço presencial as pessoas estão juntas num mesmo ambiente, imersas no espaço sagrado da celebração. Supõe-se

<sup>6</sup> A primeira missa transmitida pela televisão foi da catedral de *Notre Dame*, em Paris, no Natal de 1948, presidida pelo cardeal Emmanuel Suhard. Na mesma noite também nos Estados Unidos houve transmissão, mas devido ao fuso horário, a da França foi a primeira.



que, mais concentradas, sem dispersão. Já no espaço mediado por tecnologias a pessoa encontra-se com uma realidade cotidiana como casa, família, hospital, carro ou outro ambiente, muitas vezes, em movimento, podendo estar só ou com mais pessoas, em comunhão com os que estão rezando na igreja ou no templo. Esse ambiente pode ser menos favorável à concentração.

Há de se considerar que a comunicação pela mídia é uma nova forma de sociabilidade, um novo modo de estar juntos ou conectados, pois os meios se tornam mediações culturais de interesses, contato com o mundo e com temáticas, marcadas por diferentes contextos culturais<sup>7</sup>, diferentes sentidos para a vida. Vistos como mediações os meios se tornam componentes de um contexto cultural, sendo que as pessoas buscam sentidos e respostas para a vida, também em sua fé. Esta nova forma de sociabilidade, por meio da conexão aplica-se também às práticas religiosas, pois, diante de novas possibilidades, os hábitos vão sendo modificados<sup>8</sup>.

## 2 Estudo e reflexões nos documentos da Igreja sobre Liturgias transmitidas por rádio e televisão

Com a possibilidade de comunicar por sinais de voz, à distância, pelo rádio e com imagem pela televisão, a Igreja expressa sua preocupação pastoral em documentos, a respeito desta nova modalidade que possibilita a transmissão de mensagens e celebrações<sup>9</sup>. Na Carta encíclica sobre cinema, rádio e televisão, *Miranda Prorsus* (1957), Pio XII escreve: “Tivemos, também, o cuidado paternal de criar na Cúria Romana uma comissão permanente com o encargo de estudar os problemas do cinema, do rádio, da televisão, no referente à fé e a moral”<sup>10</sup>. A respeito da transmissão de missas pela televisão diz o Papa:

<sup>7</sup> O estudo dos meios como mediações, resulta da teoria dos Estudos Culturais, na América Latina trabalhados por Jesús Martín-Barbero no clássico livro *De los medios a las mediaciones*. Barcelona: Gili, 1987.

<sup>8</sup> Por exemplo, as famílias que se reúnem para rezar o terço, devido a mudanças, muitos rezam conectados por meio da televisão, do rádio ou da internet.

<sup>9</sup> A instalação da Rádio Vaticano é de 1931, com o início das transmissões em 1932, por Marconi, durante o pontificado do Papa Pio XI, tendo como Secretário de Estado o Cardeal Eugênio Pacelli, futuro papa Pio XII.

<sup>10</sup> PIO XII, *Miranda Prorsus*, 1957, n. 11. In: DARIVA, Noemi (org.). *Comunicação Social na Igreja*. Documentos fundamentais. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 36.



*É obvio que a assistência à santa missa pela televisão – como há alguns anos dissemos – não é a mesma coisa que a participação física ao sacrifício divino requerida para cumprir o preceito nos dias festivos. Todavia, os frutos copiosos que, para o incremento da fé e a santificação das almas, provêm das transmissões televisivas das cerimônias litúrgicas para aqueles que não podem, com presença normal, assistir a elas, induzem-nos a encorajar essas transmissões (MP, 1957, n. 137)<sup>11</sup>.*

O tema das transmissões de missa pelo rádio e televisão foi objeto de sugestões na ampla consulta ao Concílio Vaticano II feita aos bispos, universidades católicas e superiores maiores. Na qualidade de Superior Geral da Sociedade São Paulo, padre Tiago Alberione, fundador da Família Paulina, enviou uma sugestão, sobre missas transmitidas pela televisão fazendo esta sugestão: “Parece também desejável que se conceda, para a satisfação do preceito festivo, a validade da participação da missa transmitida pelos meios audiovisuais, em determinadas e vem definidas circunstâncias (por ex. para os presos)”<sup>12</sup>.

Na justificativa fala dos impedimentos à participação presencial, uma vez que é preceito e quando as pessoas estão impedidas de participar, também acompanham o ano litúrgico: “Enfim os meios audiovisuais estabelecem na comunidade uma nova forma de presença e de participação que é oportuno ter em consideração”. A resposta foi dada com as orientações da *Miranda Prorsus* (1957), sem novas reflexões e considerações. “É obvio que a participação pela televisão da Missa [...] não é a mesma coisa que a assistência física ao Sacrifício divino requerida para cumprir o preceito nos dias festivos”<sup>13</sup>.

Por sua vez, a Constituição *Sacrosanctum Concilium* (SC) sobre a sagrada Liturgia, no intertítulo “Os meios audiovisuais e a Liturgia”, n. 20, traz esta orientação: “As transmissões dos atos litúrgicos pelo rádio e pela televisão, especialmente a missa, sejam feitas de maneira discreta e decorosa, sob a direção e patrocínio de pessoas idôneas, designadas pelo bispo”<sup>14</sup>. No mesmo dia da aprovação da SC, em 4 de dezembro de 1963, foi aprovado o decreto *Inter Mirifica* sobre os meios de comunicação

<sup>11</sup> PIO XII, n. 137.

<sup>12</sup> DAMINO, Andrea SSP. *Don Alberione al Concilio Vaticano II*. Roma: Edizioni dell'Archivio Storico Generale della Famiglia Paolina, 1994. p. 65.

<sup>13</sup> DAMINO, p. 66.

<sup>14</sup> VATICANO II. *Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a sagrada liturgia*. 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 20.



social, pelo qual a Igreja reconhece, acolhe e assume o direito e o dever de evangelizar com os meios de comunicação social.

As assembleias do episcopado latino-americano, sobretudo, em Puebla (1979), o tema foi refletido e tratado com a afirmação, tantas vezes repetida: “A Liturgia é em si mesma comunicação” (n. 1086), que contribui na reflexão sobre essência das celebrações litúrgicas. O documento de Puebla também reflete e orienta sobre outras formas de presença e de oração com as comunidades: “Celebrações da Palavra e da importância de servir-se dos meios de comunicação social (rádio e televisão) para alcançar a todos” (n. 900). Adverte que os meios de comunicação podem criar novos hábitos nas famílias: “A invasão da TV e do Rádio nos lares põe em risco as práticas piedosas no seio da família” (n. 908). E recomenda “Incrementar as celebrações transmitidas pelo rádio e pela televisão, levando em conta a natureza da Liturgia e a índole dos respectivos meios de comunicação utilizados” (n. 949)<sup>15</sup>.

## 2.1 Encontros e Seminários sobre liturgias transmitidas

Na América Latina foram realizados estudos e encontros sobre missas de Rádio e TV, liderados por Dom Romeu Alberti, então bispo de Apucarana (PR) e responsável pela Liturgia na CNBB<sup>16</sup>, que em 1965, interessou-se pela comunicação e “organizou o Serviço de Comunicação com a finalidade de marcar presença da Igreja nos e através os meios de comunicação ao seu alcance: jornal e rádio. Havia missas irradiadas todos os domingos na diocese por várias emissoras”<sup>17</sup>.

Para aprofundar a temática de missas pelos meios de comunicação, aconteceram diversos encontros. Em 1971, o I Encontro Regional (PR), *Liturgia nos Meios de Comunicação Social* – Apucarana, seguidos por encontros nacionais. Em 1972 – I Encontro Nacional de Liturgia de Rádio e Televisão; em 1974, o II Encontro Nacional e primeiro Latino-americano em Apucarana (PR), com o tema: *A Liturgia de Rádio e TV* e a celebração do ano litúrgico. Em 1976 aconteceu o III Encontro Nacional

<sup>15</sup> CELAM. *Conclusões da Conferência de Puebla*. Texto Oficial. 8. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1987.

<sup>16</sup> Cria o departamento de Liturgia e Comunicação do CELAM em 1972. Permaneceu no cargo dois mandatos. Os três primeiros encontros de Liturgia de Rádio e de TV que promoveu, forneceram subsídios para as conclusões de Puebla sobre o assunto.

<sup>17</sup> CNBB. *Liturgia de rádio e televisão*. Estudos 33. São Paulo: Edições Paulinas, 1982. p. 7.



e segundo Latino-Americano em Viamão (RS), com o tema: *A Liturgia de Rádio e TV e a Pastoral Orgânica*. Em 1981 foi realizado o IV Encontro Nacional – Belo Horizonte (MG) com o tema: *A Assembleia litúrgica de Rádio e V à luz de Puebla*; em 1982 foi realizado o Encontro de Assessores de Com e Liturgia do Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM) e CNBB.

A CNBB, por meio dos setores de Liturgia e Comunicação, continuou investindo na reflexão e busca de caminhos. De 24 a 28 de julho de 1985 foi realizado o quinto Encontro Nacional sobre Liturgia de Rádio e televisão, em Brasília (DF), com o tema: *Assembleia eletrônica litúrgica de Rádio e TV*<sup>18</sup>. Em 1994 foi realizado o 6º Encontro Nacional sobre Liturgia de Rádio e TV em São Paulo (SP) com o tema: *Missa de TV*. Em 1998, o 7º, com o tema *Liturgia de TV do ponto de vista litúrgico e celebrativo*. Em 2000, a realização do 8º, *Liturgia na TV: qual o sentido da presença da Igreja na mídia eletrônica*; em 2003, o 9º, *Comunicação e Liturgia, celebrando os 40 anos da Inter Mirifica e Sacrosanctum Concilium*.

A temática foi retomada para estudo e reflexão por meio de Seminários sobre liturgia e comunicação com equipes de televisão. Os dois seminários foram realizados pelas comissões de Comunicação e Liturgia da CNBB, tendo como presidente da Comissão de Comunicação, Dom Orani João Tempesta. Participaram na organização Equipes de Comunicação e de Liturgia da CNBB. De 13 a 15 de Outubro de 2004, o encontro foi realizado em São Paulo (SP) e organizado pela Equipe de Liturgia com a participação de diretores de televisões católicas. Ao final, foram feitos 14 encaminhamentos, constatando o aumento das missas transmitidas que são presença na sociedade; a linguagem própria da televisão e da Liturgia e a necessidade de aprofundamento “dos conceitos de sacramentalidade, assembleia, presença e participação”<sup>19</sup>, o que exige uma ação conjunta e interdisciplinar. Entre as proposições: “Uma exigência que emerge é a formação nos seminários e formação permanente para o clero” e “Formar

<sup>18</sup> CNBB. *Assembleia eletrônica litúrgica*. Estudos 48. São Paulo: Edições Paulinas, 1987. A apresentação deste opúsculo é assinada por Dom Geraldo Majella Agnelo, Arcebispo de Londrina e responsável pela Linha de Liturgia da CNBB e Dom David Picão, Bispo de Santos e responsável pela Pastoral dos Meios de Comunicação Social da CNBB.

<sup>19</sup> CNBB. *Encaminhamentos do Seminário sobre Liturgia e Comunicação*. São Paulo, 13 a 15 de outubro de 2004 (mimeografado).



os técnicos de TV em questões básicas de Liturgia; e as diversas equipes com função litúrgica, em questões básicas da linguagem televisiva”<sup>20</sup>.

O Seminário de Comunicação e Liturgia com as equipes de Missa nas TVs foi realizado de 28 a 30 de Setembro de 2006, em Brasília, na sede da CNBB, organizado pela Equipe de Reflexão do Setor de Comunicação da CNBB. Nas conclusões finais constatou-se que houve crescimento e já não se pergunta mais “se vale ou não celebrar missa na TV. É o como se faz e para isso, a necessidade de formação para a Liturgia e para a comunicação, inclusive dos futuros padres e para as equipes de Liturgia local”<sup>21</sup>. Entre os aspectos conclusivos “Devemos também atentar para a eclesiologia que é comunicada [...] Falta, às vezes, o senso eclesiológico”<sup>22</sup>.

Orientações mais recentes são dadas aos que presidem as celebrações veiculadas pelas mídias para que mantenham “um tom orante para que transpareça a dimensão da sacralidade do mistério celebrado. Seja dado o devido valor aos símbolos litúrgicos, cuide-se das expressões artísticas do espaço celebrativo, dos objetos e das vestes litúrgicas”<sup>23</sup>.

## 2.2 As transmissões durante a pandemia

Com a pandemia do Covid-19, houve um crescimento das transmissões de missas, sobretudo, pelas redes sociais, das quais não há ainda pesquisa. Nas nove televisões católicas, foram transmitidas 24 missas aos domingos e 122 nos dias de semana, de segunda a sábado<sup>24</sup>. O reconhecimento da Igreja pela presença nas famílias fortaleceu a Pastoral da Comunicação (Pascom) e as comunidades que transmitiram celebrações neste período.

*Este tempo grave de pandemia fechou as portas de nossas igrejas, mas a Igreja não está fechada, ela continua alimentando seus filhos e filhas através da oração, da Palavra, das celebrações transmitidas pelas TVs*

<sup>20</sup> *Idem.*

<sup>21</sup> CNBB. *Conclusões finais*. Seminário de comunicação e liturgia com as equipes de missa nas TVs. Brasília, 28 a 30 de setembro de 2006 (mimeografado).

<sup>22</sup> CNBB, *Idem*. Brasília, 28 a 30 de setembro de 2006.

<sup>23</sup> CNBB. *Guia Litúrgico-Pastoral*. 3. ed. Brasília: Edições CNBB, 2017. p. 56.

<sup>24</sup> PASCOSOM BRASIL. *Confirma dias e horários de missas transmitidas pelas TVs católicas*. Site Pascom Brasil, 2022. Disponível em: <https://pascombrasil.org.br/confirma-dias-e-horarios-de-missas-transmitidas-pelas-tvs-catolicas/>. Acesso em: 17 set. 2022.



*Católicas, rádios e mídias sociais, continua assistindo aos pobres e mais necessitados pela caridade e criando redes de solidariedade*<sup>25</sup>.

A presença da Igreja em rádios e Tvs leigas, sobretudo com programas religiosos semanais e a transmissão da missa é significativo. Com a flexibilização da pandemia, há paróquias que deixaram ou diminuíram as transmissões pelas redes sociais, convidando os fiéis participem de forma presencial; outras, por terem instalado um sistema de transmissão, continuam em todas as celebrações.

Em relação a pregações da Palavra de Deus basta acessar as redes sociais para verificar a quantidade de reflexões, sobretudo, de homilias em diferentes linguagens: algumas em texto, até artigos como subsídios para preparar e, ainda, em áudio ou vídeo. Nas postadas em vídeo, ministros ordenados se apresentam, em sua maioria, no ambiente litúrgico, numa Igreja e com vestes litúrgicas, estola ou casula, caracterizando o lugar de pregação da Palavra de Deus, mas visivelmente produzidas para as redes. A diversidade de eclesiologias também é evidente seja pelas vestes litúrgicas ou pelo discurso e recursos retóricos utilizados para chamar a atenção dos fiéis. Além do *Youtube*, mais comum, o curioso é que algumas homilias estão disponíveis em plataformas como *Spotify*, *Soundcloud* e *Apple Podcasts* num tempo de duração que varia entre 8 a 30 minutos<sup>26</sup>. Isso sem falar dos *influencers* religiosos, em sua maioria presbíteros.

### 3 A pessoa que comunica, o espaço e a proclamação da palavra

O centro de todas as celebrações é o Cristo em seu mistério de morte e ressurreição. O Concílio Vaticano II fundamenta a celebração ativa no relato entre a obra salvífica de Cristo e a sua continuação na história por meio do agir simbólico ritual (SC 7). Por isso, queremos abordar, apenas como aceno, a importância da pessoa que comunica e suas percepções, pois “A Liturgia enquanto ação que envolve a pessoa

<sup>25</sup> COSTA, Dom Paulo César. *Análise de conjuntura eclesial*, 2020. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2020-05/pandemia-e-pos-pandemia-dez-pontos-para-reflexao.html>. Acesso em: 17 set. 2022.

<sup>26</sup> Poderia ser discutida a questão da monetização pela veiculação e número de seguidores, que pode motivar nas postagens a eclesiologia subjacente, sua relação com a liturgia e a imagem pública da Igreja.



inteira, é estruturada na linguagem que empenha sentidos, percepções, emoções, gestos e pensamento”<sup>27</sup>.

A Liturgia fundamenta-se na teologia da encarnação, pois, conforme Ietti, na Encarnação afirma-se “O Verbo se fez carne, abraça sensibilidade e transcendência, mistura a carne e a salvação; não se fala da carne de um corpo “objeto”, mas é Corpo Sujeito, é o Ser encarnado na carne do mundo”<sup>28</sup>. Seguindo o rito, a celebração traz presente o mistério que é percebido pelos sentidos da pessoa que participa, na assembleia litúrgica, porque escuta, olha, toca e é tocada, adora, ama, fala, silencia. Daí a importância do modo de comunicar que se torna conteúdo, e se expressa na espiritualidade, no modo de olhar, de falar, pela gestualidade, e requer formação para a comunicação integral e coerente com o que se celebra.

O padre francês, Pierre Babin, diz que na cultura da mídia a mensagem não consiste na doutrina, nas ideias ou nas palavras. O que se oferece à audiência é o corpo, a imagem, a voz, os gestos. Comentando uma carta pastoral do Cardeal Martini, quando comenta o episódio da mulher doente que foi curada ao tocar, por detrás, a roupa de Jesus, Babin afirma: “A comunicação midiática realiza-se ao tocar o corpo de alguma maneira, ou então a vestimenta que é extensão, O corpo do mensageiro é a mensagem, pois é do corpo, da vestimenta, que sai a virtude que cura”<sup>29</sup>. Esta afirmação não minimiza a doutrina, mas quer chamar a atenção de como esta doutrina, como os princípios da fé são anunciados hoje, Babin também diz que a mensagem está mais no que se é e no que se faz e menos no que se diz.

A comunicação como processo relacional que envolve o diálogo, a interatividade, a sensorialidade. Ao falarmos dos sentidos é bom lembrar que eles captam mensagens não só pelo ouvido e pelo olhar, mas pelo tato, olfato, paladar. A celebração é essencialmente comunicação e este processo acontece na percepção que não só recebe, mas emite, uma vez que a comunicação é relação e busca de compartilhamento com o outro.

A comunicação aqui vista como constitutiva do ser humano, de forma integral e integradora que o tem em conta como alguém não só

<sup>27</sup> IETTI, Antonella Menegi. *I sensi e le emozioni incontrano Dio*. Liturgia ed educazione. Roma: Lebreria Ateneo Salesiano (LAS), 2012. p. 20. (tradução nossa).

<sup>28</sup> IETTI, p. 8.

<sup>29</sup> BABIN, Pierre; ZUKOWSKI, Angela Ann. *Midias, chance para o Evangelho*. São Paulo: Loyola, 2005. p. 167-168.



faz e produz comunicação, mas é comunicação em sua essência, pelo seu intelecto, vontade, sentimentos, corpo. Importa ter uma experiência pessoal que ajude a perceber-se nesta experiência comunicativa, que está na essência de que o ser humano é comunicação. Importa viver a experiência pessoal dessa realidade até perceber-se e afirmar: eu sou comunicação.

Nas celebrações litúrgicas, importa acentuar que a necessidade do cultivo da comunicação que brota da interioridade<sup>30</sup>, ou seja, para vivenciar esses momentos, importa cultivar a atitude orante, que requerem um ritmo mais lento, de desaceleração. Isso pode ser observado no modo de andar e de portar-se, no silêncio, na gestualidade, que expressam a unção necessária para o momento celebrativo. O estado de espírito se revela na postura corporal, que requer concentração e calma, o trabalho em equipe e o controle da ansiedade, que pode tomar conta neste momento.

A consciência do estado de espírito em que nos encontramos ajuda ao desempenho. Tomar consciência das disposições interiores que se revelam na gestualidade, no olhar, no tato, pois o modo como agimos com as coisas, os barulhos com os objetos podem ser ruído na comunicação.

A comunicação pelo olhar<sup>31</sup> é fundamental, pois pode revelar confiança, dispersão, insegurança, timidez, dúvida, severidade, acolhimento, ternura. É pelo olhar que estabelecemos o relacionamento com a assembleia e ela se sente interpelada a participar. Tantos em celebrações presenciais quanto transmitidas por mídias, o olhar é fundamental. O semblante sereno deveria estar sempre iluminado por um olhar cativante e leveza com um leve sorriso nos lábios. Da mesma forma, a comunicação pelo ouvido é importante, tanto pela escuta da Palavra de Deus, quanto para perceber o entorno, servindo com discrição na escuta de Deus e dos irmãos.

A apresentação pessoal é comunicação. Sabendo-nos ministros (as) do Evangelho, é preciso ter consciência de que se é instrumento nas mãos de Deus e quem deve aparecer é Ele e a sua Palavra. Daí a atenção com a simplicidade, a discrição, a harmonia para que nossa pessoa não chame a atenção e disperse o fiel da essência da celebração.

<sup>30</sup> Cf. CORAZZA, Helena. *A comunicação nas celebrações litúrgicas*. São Paulo: Paulinas, 2015. p. 17.

<sup>31</sup> CORAZZA, p. 28 ss.



Neste sentido vai o cuidado com o microfone, o som, pois tudo precisa convergir para o essencial.

É pela sensibilidade que acolhemos a Palavra. “A fé, portanto, se encarna numa ação simbólica na qual Deus fala e encontra na sensibilidade, na carne de um corpo que celebra”<sup>32</sup>. Portanto ao se colocar diante da assembleia, é importante tomar consciência do estado de espírito. Manter o rosto sereno, um leve sorriso, que não quer dizer distração ou dispersão. Concentrar-se no mistério que estamos celebrando e assumir a serenidade como atitude, pois a presença a si mesmo contribui para uma boa comunicação.

A consciência de si, nos momentos em que a pessoa se coloca diante de uma assembleia ajuda a minimizar os limites, a ter controle sobre eles e, com uma bagagem espiritual, cultural e vivencial, na consciência de que se é instrumento, confiar na graça divina, prestar um serviço qualificado, com um gestual adequado. Na postura corporal, é importante também ter consciência do semblante, das expressões faciais para que o rosto esteja sereno, confiante, acolhedor. O semblante de quem comunica pode ajudar à acolhida favorável da Palavra de Deus. Uma pessoa que revela alegria e serenidade é testemunha de sua vivência de fé e de sua capacidade de superar os obstáculos que possam surgir no dia a dia.

### 3.1 O espaço celebrativo

O espaço celebrativo ou espaço litúrgico pode referir-se à arquitetura ou à arte, que tem grande importância comunicativa. Sabe-se que o ambiente é comunicação e faz parte dela, por isso, para as celebrações litúrgicas, é fundamental organizar o espaço sagrado que acolhe a assembleia, para que participe com proveito das celebrações realizadas, seja nas igrejas, capelas, oratórios ou em estúdios de rádio, televisão e internet. Com frequência há celebrações em escolas, hospitais, casas de família, entre outros. Cada ambiente requer atenção e cuidado, para que o espaço do sagrado seja propício para celebrar e, para isso, faz-se necessário criar as condições de silêncio e unção. No caso de espaços abertos como praças públicas, estádios, há mais probabilidade de dispersão das pessoas e do ambiente, o que requer mais cuidado para que a assembleia se sinta acolhida.

<sup>32</sup> IETTI, p. 13.



A Instrução Geral do Missal Romano (IGMR), fala da preparação do ambiente:

*Quando ia celebrar com os discípulos a ceia pascal onde instituiu o sacrifício de seu corpo e sangue, o Cristo Senhor mandou preparar uma sala ampla e mobiliada (Lc 22,12). A Igreja sempre julgou dirigida a si esta ordem, estabelecendo como preparar as pessoas, os lugares, os ritos e os textos, para a celebração da Santíssima Eucaristia<sup>33</sup>.*

Daí a importância da preparação dos ambientes, que comunicam por si mesmos, pois são percebidos sensorialmente, e revelam o cuidado com que a comunidade se prepara para celebrar e acolher a assembleia, convocada em nome do Senhor. Um ambiente acolhedor, harmonioso, com pessoas também acolhedoras, é o limiar da experiência celebrativa, que tenha em conta o lugar dos fieis com espaço para acomodação, o presbitério, o altar, o ambão, a ornamentação.

No caso de celebrações transmitidas pela mídia, todos esses elementos importam, tendo em conta que a realidade é recortada para quem acompanha, ou seja, os enquadramentos das imagens, “editam” a realidade. Daí a vigilância na seleção das imagens apropriadas a cada momento da celebração, bem como verificar a captura do áudio para que a participação dos fieis seja percebida pela voz <sup>34</sup>.

### 3.2 A proclamação e escuta da Palavra

A assembleia é convocada para *escutar* a Palavra: “*Shema, Israel*” (Dt 4). A Palavra se revela e quer um espaço, entrada no coração da assembleia, povo de Deus, sujeito da celebração. Palavra que quer entrar em relação com a pessoa do fiel, um relacionamento, que é comunhão, relação de vida, na graça do Espírito Santo. E essa comunicação é favorecida pelo olhar, pelo tom da voz, pelo silêncio e acolhida. Mesmo falando do empenho de quem comunica, queremos lembrar que importa o empenho e a necessidade de disposições pessoais, do fiel que participa como recomenda a *Sacrossanctum Concilium*, n. 11.

<sup>33</sup> MISSAL ROMANO. *Instrução Geral sobre o Missal Romano*. 9. ed. São Paulo: Paulus, 2004. p. 25.

<sup>34</sup> Sobre transmissões nas diferentes mídias consulte: “Transmissões de celebrações litúrgicas pelas mídias eletrônicas e digitais”. In: CORAZZA, Helena. *A comunicação nas celebrações litúrgicas*. São Paulo: Paulinas, 2015. p. 74-109.



*Para que a Liturgia atinja realmente sua eficácia, para que ela seja realmente autêntica, seja espiritualidade pessoal, são necessárias algumas disposições. Em primeiro lugar a reta intenção. É aquilo que definimos como pessoal. A ação litúrgica deve ser pessoal. Por isso, convocam-se os pastores para que cuidem que na ação litúrgica, “não se observem as leis para a válida e lícita celebração, mas que os fiéis participem dela consciente, ativa e frutuosamente”<sup>35</sup>.*

O leitor é um canal, um instrumento por meio do qual a comunidade recebe o anúncio. É como o anjo da ressurreição que diz: “*Ele está vivo*”, não está entre os mortos! “*O Livro*, símbolo visual para ser proclamado e mostrado. O leitor é alguém que assume o ministério com empenho, com fé e amor e *acredita* na Palavra que se proclama”<sup>36</sup>. A proclamação não é feita em nome pessoal: “O espírito do Senhor está sobre mim porque que ele me ungiu” (Lc 4,18). Daí a importância de acreditar, preparar-se, identificando também o gênero literário, e proclamar com unção.

Como na literatura, também na Bíblia, é possível identificar os gêneros dos textos. Identificar e compreender o gênero literário, é parte da comunicação do sentido. A diversidade de gêneros literários vai aumentando por causa do desejo de buscar maneiras adequadas, inteligíveis de exprimir concepções. Os gêneros bíblicos vêm, na sua maioria, da tradição oral dirigindo-se a públicos diferentes, como por exemplo, os pastores ou camponeses israelitas e sacerdotes eruditos do Templo de Jerusalém ou, ainda, inspirados pelo zelo dos profetas. Os estudos sobre *gênero* na Bíblia são complexos, mas é possível identificar alguns como fundamentais, como narrativo, poético, epístola, parábola, o que pode ajudar na proclamação da Palavra de Deus para dar ao texto a entonação necessária.

Por outro lado, é o Espírito Santo que age nos corações de quem escuta a Palavra. “A presença do Espírito confere aos cristãos certa conaturalidade com as realidades divinas e uma sabedoria que lhes permite captá-las intuitivamente, embora não possuam os meios adequados para expressá-las com precisão”<sup>37</sup>.

<sup>35</sup> BECKHÄUSER, Alberto. *Sacrosanctum Concilium*. Texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 31.

<sup>36</sup> Cf. CORAZZA, Helena. *A comunicação nas celebrações litúrgicas*. São Paulo: Paulinas, 2015. p. 39.

<sup>37</sup> FRANCISCO. *A alegria do Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 2013. p.101, n. 119.



## 4 A importância da formação para a comunicação

A Igreja recomenda a formação litúrgica e a participação ativa em todos os níveis, tanto dos fiéis quanto das lideranças. A formação integral dos comunicadores, entendendo todos os ministérios exercidos por pessoas que se comunicam nas celebrações, sejam elas presenciais ou mediadas por tecnologias, é de suma importância. Importa que presbíteros, diáconos e agentes de pastoral façam a experiência de Deus revelado em Cristo para que transpareça em suas atitudes. “Mas não se pode fazer a experiência de Deus se Ele não permitir, a revelar-se na forma da história da salvação e a permitir de encontrá-lo por meio das linguagens da fé e, em particular a linguagem simbólica da ação ritual”<sup>38</sup>.

A dimensão humana, litúrgica, doutrinal, espiritual, comunicacional, precisa estar em sintonia e seguir as orientações do magistério da Igreja, daí a importância de uma formação que torne a comunicação autêntica. Igualmente a formação para atuar nas mídias com um desempenho de qualidade, que testemunhe os valores eclesiais e da comunidade cristã. Sobre isso, a CNBB orienta.

*As pregações, as celebrações, os eventos e programas realizados pela denominada, mídia católica refletem eclesiologias, isto é, o modo como os seus promotores e produtores concebem e vivenciam o mistério da Igreja. Por este motivo, é necessário empenhar-se em propor e comunicar a partir de grandes linhas do Concílio Vaticano II, promovendo uma cultura de fidelidade ao pensamento integral da Igreja, evitando reproduzir apenas a visão particular de um determinado movimento, grupo ou associação de fiéis. Em tempos de crescente privatização da experiência religiosa, de fundamentalismos, de devocionismos e de manipulação do sagrado, assiste-se um demasiando acento em especificidades de carismas e estios de compreender a fé, nem sempre consoante com o magistério. Tenha-se presente a responsabilidade de educadores da fé, reservada aos comunicadores*<sup>39</sup>.

A formação das equipes envolve também os que fazem as transmissões para que, além do conhecimento técnico, precisam estar imbuídos dos princípios religiosos e litúrgicos. Por isso, nas transmissões de

<sup>38</sup> IETTI, p. 6.

<sup>39</sup> CNBB. *Orientações pastorais para Mídias Católicas*. Imprensa, rádio, tv e novas mídias. Estudos da CNBB, 111. Brasília: Edições CNBB, 2018. p. 14.



missas é importante sintonia entre a direção técnica e a direção religiosa que orienta sequências, seleção de imagens (o que evidenciar em cada momento). Daí a importância de capacitar equipes responsáveis pelas transmissões e todos possam se preparar e prestar um serviço evangelizador qualificado pelo rádio, televisão ou pela internet<sup>40</sup>.

## Conclusão: oportunidades e desafios

Liturgia e comunicação estabelecem um diálogo que toca a vida das pessoas onde se encontram e no seu momento existencial. As temáticas tratadas ao longo dos encontros de Liturgia mediada por tecnologias demonstram empenho por parte das lideranças da Igreja em marcar presença qualificada em todos os espaços das mídias e não somente nas próprias, denominadas católicas.

Os temas abordados dizem respeito à natureza da Liturgia em celebrações transmitidas pelas mídias, outros se referem ao cuidado que as equipes precisam ter, por um lado, respeitando as orientações litúrgicas e, por outro, conhecendo e tendo em conta a linguagem da comunicação. Talvez valesse à pena voltar ao diálogo da Liturgia com a comunicação, tendo em conta os avanços tecnológicos que afetam a vida cotidiana das pessoas bem como o modo e o sentido das celebrações, uma vez que rezar juntos por meio de celebrações mediadas pelas tecnologias é um caminho sem volta. Esta é uma forma de presença que precisa de maior reflexão e aprofundamento.

Importa compreender a importância da qualidade das transmissões, tanto no aspecto litúrgico quanto comunicacional, no cuidado de tudo o que faz parte da natureza da Liturgia, trabalhando o ser humano enquanto comunicador, pois são as pessoas que celebram. Formação e cultivo pessoal, das equipes é fundamental para que os fiéis possam rezar com a Igreja, mesmo à distância, e continuar a encantar-se pelo mistério celebrado.

Para quem preside e organiza as celebrações transmitidas pela mídia, o mais importante é ajudar a comunidade a entrar no mistério da ceia de Jesus, de morte e ressurreição, evitando a espetacularização e outras iniciativas como recurso de audiência ou se obter seguidores.

<sup>40</sup> Sobre transmissões nas diferentes mídias consulte "Transmissões de celebrações litúrgicas pelas mídias eletrônicas e digitais". In: CORAZZA, Helena. *A comunicação nas celebrações litúrgicas*. São Paulo: Paulinas, 2015. p. 74-109.



Mesmo respeitando diversidades culturais, a imagem pública da Igreja é o testemunho e precisa ser preservada.

Um ponto fundamental na comunicação litúrgica é a homilia, espaço de partilha da Palavra. A recomendação do cuidado na preparação é recorrente nos documentos da Igreja, em todos os níveis. Basta recordar que o papa Francisco na *Evangelii Gaudium* (2013) dedica-lhe grande espaço, pois, considera que a pregação “dentro da Liturgia requer uma séria avaliação por parte dos Pastores [...] A homilia é ponto de comparação para avaliar a proximidade e a capacidade de encontro de um Pastor com o seu povo”<sup>41</sup>.

Outro ponto que necessita de revisão são os conteúdos e a eclesiologia presente na quantidade de reflexões, homilias e celebrações transmitidas e postadas nas redes sociais. Igual vigilância se faz necessária ao modo de comunicar na expressão das pessoas e nas vestes litúrgicas que comunicam, por si mesmas, a eclesiologia subjacente. A formação ética e religiosa é fundamental para quem faz as transmissões de celebrações, pois não basta capacitação técnica e facilidade para operar a tecnologia. O cultivo da espiritualidade cristã é fundamental para a fidelidade na celebração e comunicação do mistério nas celebrações litúrgicas.

## Referências

ALDAZÁLBAL, José. *Vocabulário básico de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2013.

BABIN, Pierre; ZUKOWSKI, Angela Ann. *Mídias, chance para o Evangelho*. São Paulo: Loyola, 2005.

BECKHÄUSER, Alberto. *Sacrosanctum Concilium*. Texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2012.

CELAM. *Conclusões da Conferência de Puebla*. Texto Oficial. 8. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1987.

CNBB. *Orientações pastorais para Mídias Católicas*. Imprensa, rádio, tv e novas mídias. Estudos da CNBB, 111. Brasília: Edições CNBB, 2018.

CNBB. *Missa de televisão*. Estudos da CNBB 70. São Paulo: Paulus, 1994.

<sup>41</sup> FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 112-113, n. 135.



CNBB. *Assembleia eletrônica litúrgica*. Estudos da CNBB 48. São Paulo: Edições Paulinas, 1987.

CNBB. *Liturgia de Rádio e televisão*. Estudos da CNBB 33. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1994.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a sagrada Liturgia*. 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2002.

CORAZZA, Helena. *A comunicação nas celebrações litúrgicas*. São Paulo: Paulinas, 2015.

DAMINO, Andrea SSP. *Don Alberione al Concilio Vaticano II*. Roma: Edizioni dell'Archivio Storico Generale della Famiglia Paolina, 1994.

COSTA, Dom Paulo César. *Análise de conjuntura eclesial, 2020*. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2020-05/pandemia-e-pos-pandemia-dez-pontos-para-reflexao.html>. Acesso em: 17 set. 2022.

FAXINA, Elson; GOMES, Pedro Gilberto. *Midiatização*. Um novo modo de ser e viver na sociedade. São Paulo: Paulinas, 2016.

IETTI, Antonei la Menegi. *I sensi e le emozioni incontrano Dio*. Liturgia ed educazione. Roma: Lebreria Ateneo Salesiano (LAS), 2012.

MISSAL ROMANO. *Instrução Geral sobre o Missal Romano*. 9. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

PAPA FRANCISCO. *Carta Apostólica Desiderio Desideravi sobre a formação litúrgica do povo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2022.

PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii gaudium*. A alegria do Evangelho. São Paulo: Paulinas, 2013.

PIO XII. *Miranda Prorsus*. Carta encíclica sobre cinema, rádio e televisão. In: DARIVA, Noemi (org.). *Comunicação Social na Igreja*. Documentos fundamentais. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 33-56.

PUNTEL, Joana T. *Comunicação*. Diálogo dos saberes na cultura midiática. São Paulo: Paulinas, 2010.